

Luzes na Cidade: sobre as Paisagens Luminosas e os Cenários Noturnos da Cidade do Rio de Janeiro

City Lights: Lightscapes and Night Scenes of Rio de Janeiro

Marcos Paulo Ferreira de Góisⁱ
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: As cidades têm sido objetos privilegiados de estudo nas ciências sociais, especialmente na Geografia. Contudo, as paisagens urbanas noturnas são pouco contempladas e suas dinâmicas e seus processos constitutivos estão praticamente ausentes nesses estudos. Este trabalho se propõe, portanto, a apresentar uma análise da noite urbana, colocando em evidência a importância da iluminação artificial nas cidades. Partimos da decomposição da paisagem noturna em cenas, com o intuito de compreender a nova configuração espacial da cidade através da luz. Para efeito de demonstração escolhemos utilizar o exemplo da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: paisagem noturna, cenário, iluminação urbana, Rio de Janeiro.

Abstract: Cities have been intensely studied by social scientists and especially by human geographers. Yet, the kind of phenomenon studied usually focuses on daylight urban space and the nightscape of cities is relegated to secondary importance. Using the case of Rio de Janeiro nightlife this paper investigates the processes and the effects of lighting on the streets of big cities and the possible composition of scenes into cityscapes.

Keywords: nightscape, scenery, urban lighting, Rio de Janeiro.

Introdução

Em seu artigo sobre os primórdios da iluminação elétrica nas grandes cidades americanas, Scott McQuire (2005) deu a um de seus capítulos o título de *Bright lights, big city* (Luzes brilhantes, cidades grandes), para demonstrar o papel que a luz desempenhou na formação do imaginário das cidades modernas. Charles Chaplin (1889-1977), em *City Lights* (1931) propõe, a partir do título do filme, uma associação parecida com aquela produzida por McQuire: as luzes como símbolos de uma nova cidade, de hábitos recriados e novos ritmos, diferentes de outros lugares, ainda não tocados pelo advento da modernidade.

De alguma forma, a luz elétrica criou uma nova ambientação para as cidades, em contraste com as luzes vacilantes das chamas das velas que fascinaram Gaston Bachelard (1989) e com as ruas parisienses de Charles Baudelaire (1996), iluminadas pelo gás.

ⁱ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, marcosruler@gmail.com.

As inovações na aplicação da energia elétrica nas cidades, especialmente nos espaços públicos, geraram novas sensações para os habitantes das cidades, sentimentos que ora expressavam deslumbramento, ora manifestavam terror e assombramento (McCQUIRE, 2005).

Segundo a tese de Murray Melbin (1978), a expansão das atividades humanas para o período noturno foi um indício do desenvolvimento de meios técnicos (iluminação elétrica) e arranjos sociais para a criação de um ambiente noturno. Esse processo de conquista da noite urbana é para ele um fenômeno espetacular na história da humanidade, já que a noite representaria a última fronteira, na qual a expansão das atividades econômicas revela uma continuidade com o processo de migração que ocorreu espacialmente.

O geógrafo Luc Gwiazdzinski parece estar de acordo com as proposições de Melbin (idem) ao sugerir que no passado a noite simbolizava o momento de repouso social. Essa associação entre dia e trabalho e noite e repouso parece, segundo Gwiazdzinski (2005), ter sido rompida por meio da adoção da iluminação elétrica, que proporcionou a extensão da sociabilidade diurna para os espaços de convívio noturno. Nesse sentido, Tuan (1978) sugere que a conquista da noite afastou o homem da submissão aos fatores naturais, especialmente nos espaços rurais, onde a vida parecia seguir o ritmo forçado e imposto pela iluminação natural. Dessa forma, esse ritmo só começou a mudar com o advento e o desenvolvimento da iluminação pública, inicialmente por meio do gás e definitivamente a partir do uso da eletricidade no século XX (KURME, 2009).

Nas grandes cidades, novas atividades noturnas surgiram, cafés e bares permaneciam por mais tempo abertos, nos teatros os espetáculos eram encenados cada vez mais tarde, e nas ruas as pessoas circulavam com mais frequência e segurança. O trabalho, o lazer e o deslocamento noturno se banalizaram. Hoje há muitos serviços disponíveis diuturnamente: transporte, eventos, bares, casas de show, boates, restaurantes, etc. Alguns abrem especialmente após as 18 horas. O lazer noturno, por exemplo, se tornou um setor à parte, diferenciado em relação às atividades de lazer diurnas (GWIAZDZINSKI, 2005).

Ao que tudo indica, a iluminação elétrica possibilitou novas formas de viver e de ver as cidades, alterando as formas de relacionamento entre cidadãos e o espaço público (McQUIRE, 2005). Nesse sentido, acreditamos que as transformações ocorridas na vida social noturna possuem uma relação importante na reconfiguração da paisagem das cidades. A partir do estudo da iluminação urbana, gostaríamos de apresentar uma análise geográfica das paisagens urbanas noturnas.

Paisagem Urbana e Cenas Noturnas

O fenômeno de iluminação artificial das cidades recobre interesses de áreas de estudo muito diferentes. Para os físicos, por exemplo, são importantes as relações entre a luz e a matéria; para os psicólogos, a busca de explicações está relacionada ao efeito da iluminação no comportamento das pessoas; para os historiadores, o processo de desenvolvimento técnico e a evolução do imaginário social são cruciais; já para os sociólogos, a luz desempenharia um papel importante nas relações sociais. Para os geógrafos, a localização e os significados da disposição da luz no espaço são os aspectos mais centrais.

A espacialidade da iluminação urbana pode ser, portanto, objeto de investigação a partir de diferentes tendências teóricas e metodológicas e de variados aportes conceituais.

A proposta apresentada neste artigo trata o tema da iluminação urbana por meio de uma possível leitura da paisagem como cenário. Dessa forma, para apresentar a discussão procuramos retomar o sentido que a palavra “cenário” possuía no Renascimento italiano, ou seja, a união das dimensões física, um arranjo de objetos em uma dada configuração, e imaterial, um conjunto de ações ou comportamentos ressignificados pela orientação relativa a esses planos locacionais (GOMES, 2008).

De acordo com essa proposta, os elementos físicos e simbólicos que compõem a paisagem urbana noturna são analisados a partir da relação que estabelecem com a iluminação artificial. Dessa maneira, a localização espacial do objeto iluminado, a composição com o seu entorno e os valores associados a ele são indicativos geográficos que nos permitem extrair alguns significados do fenômeno de iluminar cidades. Isso nos sugere que por meio do estudo da iluminação urbana poderíamos entender a relação estabelecida entre os lugares, os valores e os contextos sociais (GOMES, 2006; SANTOS, 2008).

Essa organização espacial dos elementos físicos e simbólicos promovida pela iluminação artificial cria um jogo de visibilidade noturna capaz de informar e conformar os valores e os sentidos relacionados a uma cidade. Isso porque a iluminação artificial é altamente seletiva, e a escolha dos lugares que devem ou não devem ser iluminados decorre de uma escolha com profundas implicações políticas, culturais e econômicas.

Se afirmarmos que a paisagem é o resultado de uma composição de elementos de diversas ordens sociais, sendo o resultado de intenções diferentes e de ações que correspondem à atuação de distintos agentes sociais (SANTOS, 2008), podemos dizer também que os múltiplos modos de iluminar a cidade ajudam a conformar uma forma de ver a paisagem urbana durante a noite. De outro modo, se a paisagem também pode ser compreendida como “[...] ‘uma maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual” (COSGROVE, 2004), a luz artificial possui um papel importante, pois ajuda a selecionar o que olhamos e como vemos a paisagem à noite.

A paisagem como um modo de ver ou como uma composição de elementos espacialmente dispostos apresenta adicionalmente a característica de ser dinâmica. Ao longo do dia ocorrem pequenas mudanças que alteram a forma como se organiza a sociedade e os lugares, conseqüentemente, também muda a maneira como observamos a paisagem. Entre o dia e a noite, por exemplo, ocorre uma variação funcional, mas não essencial, como foi sugerido por Milton Santos (2008), pois a cidade permanece a mesma, ainda que alterada por um novo jogo de visibilidade, criado a partir da seleção de pontos e áreas iluminados, e de sociabilidade, resultado da composição de uma cena urbana que possui outros atributos, distintos daqueles observados durante o dia.

A luz artificial auxilia no processo de diferenciação funcional das paisagens ao reagrupar os elementos físicos e simbólicos a partir de novas composições. Dessa forma, a iluminação ajuda a estabelecer uma marca ou uma “capa brilhante” sobre a cidade, criando uma sequência de pontos e áreas a serem vistos e vividos. Essa capa criada pela iluminação artificial ressalta os aspectos centrais da cidade, seus valores, signos e ritmos, criando uma forma de orientação para aqueles que vivem na cidade.

Hábitos Noturnos

Para os geógrafos, esses pontos e áreas da cidade não são apenas meios de orientação, podem ser verdadeiros objetos de estudo. Isso significa que o olhar geográfico deve

se preocupar em organizar esses valores, signos e ritmos dentro de uma perspectiva espacial. A forma aqui utilizada de compreensão da espacialidade da iluminação urbana recorreu a uma metodologia de percursos, descrições e interpretações. Tal tarefa exige do geógrafo a aquisição de hábitos noturnos e de moderada paciência para observar as relações socioespaciais que ocorrem à noite nas áreas de estudo.

O trabalho empírico torna-se uma peça-chave para a interpretação. A metodologia consiste, portanto, em um trabalho de observação sem ordem preestabelecida ou sistematizada, mas rigorosamente atenta às relações espaciais (FERRARA, 1988). Os procedimentos não precisam, assim, seguir uma conduta científica *stricto sensu*, mas apresentar um roteiro flexível de observação das cenas públicas, uma vez que esses lugares multifacetados são passíveis de se transformarem em um curto espaço de tempo.

Uma das soluções utilizadas para capturar a dinâmica e a pluralidade de elementos encontradas nesses lugares foi alcançada com o auxílio de imagens fotográficas e descrições reunidas em pesquisa de campo. A captura dos elementos socioespaciais por meio das fotografias facilitou o agrupamento posterior em cenas, compreendendo, ao mesmo tempo, o movimento, os comportamentos e a disposição física dos objetos, enfim tudo aquilo que se associa na composição das cenas urbanas. A descrição em forma de texto trouxe, ainda, uma contribuição adicional ao ajudar na criação do roteiro para a interpretação posterior das imagens.

A etapa final consistiu na interpretação, classificação e síntese dos dados adquiridos por meio da observação empírica e a confrontação com as informações oficiais e o arcabouço teórico. Os resultados parciais que apresentamos neste artigo dizem respeito a algumas classificações que puderam ser realizadas em relação à cidade do Rio de Janeiro.

Nas Ruas do Centro Carioca

A iluminação das ruas da cidade do Rio de Janeiro seguiu, como é de se esperar, o próprio processo de urbanização da cidade e a evolução das técnicas de iluminação artificial a gás e elétrica (FERREIRA, 2009). Enquanto a cidade crescia e se adensava a partir do centro colonial, a iluminação do espaço urbano acompanhou e favoreceu o processo de ocupação urbana, embora sem regularidade ou continuidade das redes técnicas no tecido da cidade. Durante o início do século XX, por exemplo, a cidade apresentava um quadro contrastante de avançado progresso luminotécnico, ao lado de áreas da cidade que ainda permaneciam dependentes da luz de velas (DUNLOP, 2008).

Com a adoção definitiva da energia elétrica para a iluminação pública, a cidade começou a apresentar uma paisagem noturna bem iluminada e uma diversificação dos usos da luz. Ao longo das décadas de 1930 e 1940, com a vinda de especialistas em criação de material luminotécnico e o investimento público na expansão da rede elétrica, a iluminação pública da cidade se tornou um modelo internacionalmente reconhecido. Entretanto, nos anos que sucederam a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para Brasília houve uma retração do processo de ampliação da vida noturna na cidade, a qual sofreu com um período de acentuada crise nos investimentos e estagnação do material iluminante (MENDONÇA, 2004).

Somente ao longo dos anos 1990, a partir da criação de novos projetos de iluminação na cidade, o encanto pela paisagem noturna ressurgiu. Monumentos, patrimônios urbanos históricos e espaços públicos de algumas áreas da cidade voltaram a receber atenção especial por meio da iluminação artificial. Isso se deu em boa parte pela mudança na gestão da iluminação pública, que passou a ficar sob a operação da Companhia Municipal de Energia e Iluminação (Rio Luz), que buscou modernizar o sistema de iluminação pública da cidade (MIGUEZ, 2001).

A paisagem noturna da cidade é composta atualmente por uma cena urbana muito diversificada, com lugares preenchidos de iluminação intensa e outros que permanecem relegados à iluminação funcional precária. Nesse sentido, a cidade do Rio de Janeiro ainda apresenta grande desigualdade de acesso à iluminação pública e também alguma diversidade tipológica relativa aos modelos de equipamentos de luz utilizados. Notamos, ainda hoje, em algumas áreas, postes e luminárias de outras épocas, compartilhando um mesmo espaço com novas tecnologias de iluminação.

A paisagem noturna carioca é composta pelas ações empreendidas por múltiplos agentes sociais, além do poder público. Outros agentes criam projetos e produzem efeitos na iluminação da cidade. A história da iluminação da cidade do Rio de Janeiro está, inclusive, repleta de exemplos de ações públicas e privadas (e às vezes em parceria) de iluminar os espaços públicos da cidade.

A atuação do poder público na cidade do Rio de Janeiro tem sido ampla, incorporando os interesses de iluminação nos espaços públicos e de instalação de iluminação especial em pontos específicos da cidade. Podemos dizer que, de maneira geral, o poder público (por meio da Companhia Municipal de Energia e Iluminação) é responsável pela adoção de padrões de iluminação funcional, instalação e manutenção de material iluminante e confecção de projetos de iluminação pública para a cidade. Nos últimos dez anos essas tarefas têm englobado boa parte das iniciativas do órgão, que, no entanto, colabora em outros projetos de iluminação da cidade mediante parcerias com empresas privadas.

Na criação e instalação de projetos especiais, como a iluminação de fachadas e monumentos, o poder público tem procurado estabelecer parcerias ou procurado patrocinadores para seus projetos. As parcerias têm sido estabelecidas a partir de quatro formas de associação. A mais comum ocorre por meio do financiamento direto, por parte de uma empresa privada, dos custos de projeto, de compra e de instalação do material iluminante. A segunda forma de parceria é a cessão de material iluminante, normalmente por uma empresa do setor, como a General Electric, que cedeu conjuntos de projetores para o poder público iluminar a fachada do prédio do Ministério do Trabalho, no centro da cidade. As empresas privadas também podem participar mediante a criação de um projeto de iluminação, como foi o caso do Atelier Lumière, contratado pela UTE Norte Fluminense para montar o projeto luminotécnico da Igreja da Candelária em 2003. Por fim, há casos em que a empresa privada divide os custos de instalação e manutenção de material iluminante, como ocorreu na iluminação da Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro, financiada pela empresa de energia El Paso em parceria com o governo estadual.

A atuação dos agentes privados depende, obviamente, da capacidade de investimento. Quanto maior o capital, maiores as possibilidades de grandes transformações e intervenções. As grandes empresas podem atuar em áreas mais significativas, em símbolos

importantes da cidade, como o Cristo Redentor, iluminado de verde e amarelo graças ao investimento da empresa mineradora Vale. Os agentes privados de menor porte também possuem a capacidade de alterar a composição cênica das paisagens por meio de pequenas interferências, como, por exemplo, a colocação de luminárias e projetores na frente de um estabelecimento, com o objetivo de gerar maior segurança para os usuários do local. Em alguns casos, a visibilidade de uma pequena intervenção pode alcançar escalas de observação maiores, como no caso do projeto Lumen, que proporcionou a iluminação de áreas da cidade (Arcos da Lapa, Praça XV, Hotel Glória, entre outros) e a divulgação da intervenção de alguns poucos artistas fora do país. Mas, no geral, a escala de sua atuação é restrita.

A ação desses agentes está inscrita em objetivos específicos, desde a iluminação dos espaços públicos para a circulação até a realização de espetáculos ou eventos noturnos. Cada ação na área de iluminação respeita, então, um plano de orientação desenvolvido pelos agentes sociais segundo seus objetivos.

A iluminação para o trânsito de veículos, por exemplo, possui normas próprias e rigorosas de implantação que tentam criar boas condições de visibilidade para os motoristas e para os pedestres. Outro objetivo da iluminação pública é gerar a sensação de segurança. Acredita-se, em geral, que ruas bem iluminadas são ruas seguras, pois permitem uma melhor visibilidade ou mesmo desencorajam atos criminosos. Nesse caso, busca-se um tipo de iluminação eficiente e com bons índices de iluminância, com o objetivo de permitir a identificação de pessoas e o reconhecimento facial a uma distância segura o bastante para a adoção de estratégias preventivas ou dissuasivas.

Além dos aspectos que dizem respeito à iluminação pública (segurança, circulação e orientação), existe ainda a possibilidade de se criar pontos e áreas que se destaquem na paisagem. Isso pode ser feito por meio da iluminação de monumentos e fachadas, da criação de propagandas luminosas, ou da instalação de eventos em parques públicos. Esse tipo de iluminação decorativa pode servir também para fins de orientação ao destacar elementos da paisagem urbana em relação a outros, formando um complexo mapa composto de pontos marcantes que sinalizam o caminho a seguir (prédios, torres, igrejas e pontes iluminadas, por exemplo).

Na verdade, os efeitos e os usos que esses lugares proporcionam são variados e dificilmente poderiam ser catalogados. No entanto, podemos dizer que a forma como interagem os agentes, os lugares, os objetivos técnicos de iluminar e os usuários formam cenas noturnas. No exame de algumas áreas da cidade do Rio de Janeiro (GÓIS, 2010), observamos que a diversidade de formas de se iluminar e de se viver a noite na cidade poderia ser classificada de maneira bastante geral em quatro cenas (Figura 1):

A- Centros de cena: áreas dotadas de intensa vida social noturna, onde o convívio se nutre da diversidade das luzes, das atividades e também da variedade das pessoas. Esses lugares são dotados de uma aura de urbanidade que os eleva à categoria de cenas ou ambientes de forte interação social.

B- Pontos de extrema luminosidade: dotados de iluminação feérica que os destacam do entorno e os tiram do fluxo urbano, em alguns casos criando a sensação de flutuação sobre a cidade. Esses pontos, ademais, são aqueles lugares que permanecem no imaginário sobre a cidade, sendo revalorizados pela luz.



Figura 1 – Cenários noturnos no bairro do centro, Rio de Janeiro: (A) Arcos da Lapa; (B) Praça Tiradentes. Fundo: Palácio Duque de Caxias, Central do Brasil; (C) Avenida Presidente Vargas; (D) Rua da Constituição. Fonte: Góis, 2010.

C- Faixas de luminosidade: trechos em que a iluminação tem por função quase que exclusiva facilitar e orientar o fluxo de veículos e pessoas. Essas áreas são fundamentais para o fluxo intraurbano e articulam outros pontos e áreas durante a noite.

D- Fundos de cena: áreas caracterizadas por suas aparências sombrias, sendo pouco iluminadas durante a noite, possuindo características opostas à primeira cena apresentada. A ausência de equipamentos urbanos adequados, atividades econômicas noturnas e pessoas que vivenciem esses espaços denuncia o abandono do palco.

A partir dessa classificação, percebemos que a iluminação do espaço urbano tem um papel importante na forma como vemos a paisagem noturna. Ao alterar os princípios visuais, os quais orientam o deslocamento e a vida social, novas estratégias para o comportamento se estabelecem, modificando a cena. Notamos também que existe uma correlação entre os elementos físicos, comportamentais e luminosos. Áreas valorizadas para o convívio ou pelo seu conjunto patrimonial recebem investimentos maiores em instalações de iluminação pública e em projetos de iluminação especial. O corredor formado pelos prédios, restaurantes, casas de show e centros culturais do antigo centro histórico carioca, por exemplo, se tornou o quarteirão mais bem iluminado da cidade. Sua renovação é continuamente proporcionada

pela iluminação especial das fachadas. Essa diminuta área, que durante o dia recebe o fluxo veloz do centro de negócios carioca, à noite conta com atenção especial, revelada pelas camadas de luzes coloridas destacando-a de seu entorno sombrio.

Outro processo ocorre ao mesmo tempo. À noite os elementos são reorganizados para um novo sentido. A cidade altera seu centro de interesse, porque o centro se desloca (GWIAZDZINSKI, 2005). A centralidade da área de negócios se desfaz. As ruas movimentadas pela multidão de trabalhadores ficam silenciosas. As grandes lojas, os cafés, o comércio informal, o entra e sai dos prédios, todos esses elementos não fazem mais parte da cena. Esse fenômeno se processa diariamente nos instantes em que a luz natural é suplantada pela iluminação artificial. Daí então se inicia um processo de deslocamento espacial do centro da cidade. Esse processo também pode ocorrer em razão de outros fatores, como eventos especiais tal qual o carnaval, uma procissão ou manifestações políticas (MELLO, 1995). O que achamos que há de especial no nosso caso é que o processo de deslocamento do centro de interesse na cidade ocorre diariamente por meio da junção de diversos fatores que alteram a percepção da cidade. A reapropriação dos lugares por outros agente sociais é um importante fator, a reorganização do espaço físico mediante a iluminação artificial é outro. A combinação entre eles cria as cenas noturnas a que aludimos anteriormente.

É claro que há casos em que a noite não estabelece um rompimento ou uma inversão dos elementos e dos sentidos da vida social diurna. Nesse caso, o papel dos lugares pouco se altera, mesmo que haja um regime de visibilidade diferenciado, propiciado em boa medida pela iluminação urbana. Pode-se dizer que há certa estabilidade nos papéis desempenhados pelos lugares, que se mantêm coligados a objetivos similares. Dois exemplos poderiam ser ilustrativos dessa proposição.

O primeiro deles seriam os monumentos que se tornam símbolos de uma cidade. Durante o dia esses pontos são dotados de um regime de visibilidade que pode ser realçado por sua posição geográfica (destaque em relação ao entorno), monumentalidade (tamanho, composição arquitetônica ou importância histórica) ou simbologia (valor social da obra). A centralidade desses objetos espaciais permanece à noite, mas somente quando estão iluminados. A luz artificial torna-se, portanto, fundamental para a manutenção da centralidade simbólica do monumento, que, de outro modo, desaparecia do campo visual.

O segundo exemplo se refere às áreas periféricas das cidades, que, relegadas ao abandono, permanecem estagnadas. Devido aos valores, ideais e imaginários relacionados à cidade, muitas ações políticas e econômicas se concentram em algumas áreas da urbe carioca, preferencialmente ao longo do cordão litorâneo e na região histórica do centro. Outras áreas parecem cumprir o papel de fundo de cena, sendo cobertas ou obscurecidas pelo brilho e pela maior atenção oferecida às áreas centrais. No caso do Rio de Janeiro, é emblemática a pouca visibilidade de lugares como a zona portuária, ao longo da Avenida Rodrigues Alves, no centro da cidade. Normalmente essa área destina-se somente ao fluxo rápido de veículos durante o dia. Contudo, a criação de um evento nessa área costuma deslocar o eixo de percepção das pessoas, criando uma reorientação do ritmo e uma reorganização da vida social noturna local.

Torna-se claro, no entanto, que essas situações variam também em razão de seu desenvolvimento em outras escalas de tempo. As mudanças na vida social noturna dependem do dia da semana, da época dentro de um ano, das transformações que ocorrem

com o passar dos tempos. A paisagem noturna, assim como a paisagem diurna, sofre a influência dos processos humanos que alteram sua configuração, sendo a escolha da escala do tempo outro fator importante para a análise do fenômeno.

Luzes no Fim do Túnel?

O urbanismo já percebeu que se precisa pensar a cidade noturna de forma diferente da cidade diurna. Alguns trabalhos têm mostrado que a cidade noturna possui conteúdos sociais e espaciais distintos. Os objetivos dos projetistas das cidades têm mudado na direção do entendimento dessa dinâmica e na criação de um planejamento que a incorpore na definição das estratégias de criar uma cidade noturna organizada e agradável. Por outro lado, historiadores, sociólogos, antropólogos, etc., já notaram que há mudanças importantes no comportamento social à noite. Tornaram-se, assim, analistas da cidade noturna, dos grupos que se apropriam da noite, dos efeitos da iluminação no imaginário social.

De forma geral, podemos dizer também que há algum tempo os habitantes das grandes cidades têm vivenciado as transformações diárias da cidade diurna para a cidade noturna. Essas transformações têm, amiúde, criado uma forma de ver a cidade e uma maneira de viver a cidade, mudando a percepção e a dinâmica interna do espaço urbano. Para os geógrafos, parece extremamente interessante a ideia de que surgem à noite novas paisagens, novas organizações espaciais, novas territorialidades, novos cenários, novas dinâmicas espaciais e temporais. Um pouco dessa reflexão tem sido realizada por geógrafos como Yi-Fu Tuan (1978), Tim Cresswell (1998), Teresa Alves (2004), Luc Gwiazdzinski (2000; 2005) e Scott McQuire (2004; 2005). Contudo, são poucos os estudos empíricos sobre o tema, e ainda mais escassos são os trabalhos que adotam uma perspectiva espacial sem enveredar pelos perigosos caminhos da história. Há uma luz no fim do túnel, há um caminho inteiro até lá.

Referências Bibliográficas

ALVES, T. Geografias da noite: fazer geografia através da luz. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GEÓGRAFOS*, 5., 2004, Guimarães. *Anais do V Congresso da Associação Portuguesa de Geógrafos*. Guimarães: Universidade do Minho - Portugal, 2004. Disponível em: < <http://www.apgeo.pt> >. Acesso em: 20 jun. 2009.

BACHELARD, G. *A chama de uma vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BAUDELAIRE, C. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Trad. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. *In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.

Góis, M. P. F.

CRESSWELL, T. Night Discourse: Producing/Consuming Meaning on the Street. In: FYFE, N. R. (ed.). *Images of the Street: Planning, Identity and Control in Public Space*. London; New York: Routledge, 1998.

DUNLOP, C. J. *Subsídios para a História do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2008.

FERRARA, L. D'A. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo: Nobel, 1988.

FERREIRA, M. M. *A evolução da iluminação na cidade do Rio de Janeiro: contribuições tecnológicas*. Rio de Janeiro: Synergia/Light, 2009.

GÓIS, M. P. F. Cenários noturnos: sobre a espacialidade e os significados da iluminação urbana na cidade do Rio de Janeiro. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE ESPAÇO E CULTURA, 2., 2010, Recife. *Anais do II Seminário Nacional do Laboratório de estudos sobre Espaço e Cultura*. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2010.

GOMES, P. C. C. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). *Espaço e cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

GWIAZDZINSKI, L. La Nuit, Dernière Frontière. *Les Annales de la Recherche Urbaine*, n.87, 2000, p.81-8.

_____. La Nuit, Dernière Frontière de la Ville. *La Tour d'Aigues*. Éditions de l'Aube, 2005.

KURME, M. *Urban Night*. Thesis (Master in Urban Studies) – Estonian Academy of Arts, Tallinn, 2009.

MCQUIRE, S. Dream Cities: the Uncanny Powers of Electric Light. *Journal of Media Arts Culture*, v.1, n.2, jan./jun. 2004.

_____. Immaterial Architectures: Urban Space and Electric Light. *Space and Culture*, v.8, n.2, maio 2005, p.126-40.

MELBIN, M. Night as Frontier. *American Sociological Review*, v.43, n.1, fev. 1978, p.3-22.

MELLO, J. B. F. Explosões e estilhaços de centralidades no Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, out. 1995, p. 23-44.

Luzes na Cidade: sobre as Paisagens Luminosas e os Cenários Noturnos da Cidade do Rio de Janeiro

MENDONÇA, L. L. *Reflexos da cidade: a iluminação pública do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2004.

MIGUEZ, J. C. L'Urbanisme Lumière: uma nova luz para as cidades. *Revista Lumière*, n.42, out. 2001, p.62-71.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Edusp, 2008.

TUAN, Y.-F. The City: its Distance from Nature. *Geographical Review*, v.68, n.1, jan. 1978, p.1-12.

Enviado em 12/07/2011

Aceito em 24/09/2011

